



Nuno Costa Santos

# Os Açores são uma rima possível

Café Açor. Leio e folheio, como é habitual, o Diário Insular. Na opinião, encontro um artigo intitulado “Centralismos Doentios”. Assinatura: Antonieta Costa. Socióloga e antropóloga. Segundo uma nota biográfica encontrada em sítio credível da Internet, privilegia temas como expressões de poder no culto do Espírito Santo, mitologias mediterrânicas e relações dos ciclos festivos com o calendário cósmico. Impressionado. Leio o artigo para saber quais são esses centralismos doentios e, zás, encontro o texto mais bairrista que li na última década.

Defensora de uma presença humana nos Açores anterior à dos portugueses, justificada por aquilo que considera serem achados megalíticos na Terceira, aparece como crítica de televisão de um programa de conversa descomprometida, ora de comentário ora de nota humorística, da RTP Açores (declaração de interesses: do qual sou um dos autores e no qual participo). Num tom caricatural, que depois reprova com moralismo, classifica o programa como uma “migalha” que “o centro” (São Miguel) deu à Terceira.

O resto do texto, para abreviar, é uma análise, sem qualquer sentido de pluralismo e capacidade de encaixe, em relação à forma como o tema da tal alegada presença humana nos Açores, por si defendida, anterior à dos portugueses, foi comentado. Não interessa estender aqui argumentos a favor e contra em relação a um assunto de especialistas. Já foi feito – entre eles, pronunciou-se contra aquele que deverá ser o mais importante arqueólogo português, Cláudio Torres (de passagem: sobre quem fiz um documentário para a 2). Mais relevante para o efeito é sublinhar isto: a RTP Açores, numa intro cheia de fel e com nítido ressentimento, é classificada por Antonieta Costa como narcísica e apenas centrada nas “vidinhas” micaelenses. E isto: só o comentador terceirense do programa foi elogiado pela escriba. Aqui o cronista – vulgo eu – foi demonizado por, escândalo!, optar por uma piada. Aquele que resolveu criticar o seu argumento, fundamentando com trabalho realizado por pessoas que sabem do assunto, Pedro Pereira, foi considerado agressivo no ataque e descrito pela articulista como, “segundo parece, psicólogo e continental”. Quem usa expressões como “segundo parece” nitidamente não faz o trabalho de casa. Não é, digamos, muito científico. Não há “segundo parece” nesta crónica. Sem dúvidas algumas, um texto de um bairrismo doentio. Quase xenófobo (quase?). E, já agora, sem a lucidez de perceber que se há algo que faz falta aos Açores é leveza e humor satírico no plano público. Porque sem humor, talvez desconheça, não há democracia.

Ainda com a memória daquele artigo amargo, acordei no dia seguinte com a ideia de escrever uma espécie de réplica a um texto saudável de Francisco Simões. Porque o Francisco, homem também da psicologia (e investigador universitário), gosta de debater bairrismos e centralismos aceitando a discordância e o humor. Porque sabe que o riso é, muitas vezes, para ser levado a sério. Um sinal de civilização. Escreveu há um tempinho no Diário Insular uma resposta ao meu texto “Existe um bairrismo bom e um bairrismo mau?”, intitulado, com alguma graça (lá está), “Um terceirense e um micaelense entram num bar”. O subtítulo: “Resposta a direito, embora tardia, a Nuno Costa Santos”. Dado que se dirigiu à minha pessoa num registo epistolar, uso o mesmo estratagemas de comunicação. Vamos lá.

Francisco,

antes de mais, digo-te que hoje não escrevo a minha prosa no escritório do meu querido bairro do Corpo Santo, para um jornal chamado, mui arquipelagicamente, Diário dos Açores. Agora estou em São Mateus, com vista para o meu lado preferido do Monte Brasil e na convivência de um mar agreste que (também) nos faz, açorianos de todo o lado, ser quem somos.

Devo dizer que, apesar da humidade, estou de rosto refrescado por causa da viagem que acabo de fazer por todo o arquipélago – como um dos elementos da equipa do Azores 2027, projecto de candidatura de Ponta Delgada a Capital Europeia da Cultura, com o apoio de todos os municípios e do Governo dos Açores. Ficarás feliz por saber que sentimos, ao ouvir os agentes culturais de cada ilha, mais uma vez a especificidade de cada sítio e de cada comunidade. Tirámos notas várias das conversas, dos desabaços e das ideias para soluções e encontramos uma constante. Quase todos os agentes, senão todos, vindos de várias áreas, falaram da vontade em que haja maior circulação de artistas no arquipélago. Como que solicitando mais Açores e menos ilha. Percebeu-se que a “geografia de referência”, para usar uma formulação tua, é o espaço arquipelágico. São dos Açores e querem sentir-se dos Açores. Porque a ilha não lhes chega.



Defendes que a ilha é o “ponto nodal da discussão contemporânea sobre a identidade açoriana”. Ora, parece-me que o ponto nodal da discussão contemporânea sobre a identidade açoriana está nos Açores. A ilha é o chão primeiro de cada açoriano, claro, mas, como se vai percebendo (cultural, social e economicamente), não basta. Ou por outra: a ilha é o dado primordial da vida – da vida, sim – de cada ilhéu mas a discussão sobre uma identidade de conjunto parte, naturalmente, de uma relação – existente ou criada – entre as ilhas. A não ser que se queira atracar num porto sem movimento.

Quando escreves que “a posição açoriana no mundo é importante para o nosso futuro comum, mas bastante menos do que as posições relativas dentro do próprio arquipélago” devo dizer que não entendo como se pode pensar um futuro comum se se persistir em privilegiar a posição relativa. É um pouco como dizer: o fundamental para o aprofundamento da União Europeia é atender à posição de cada país. Digamos que nos últimos tempos é o que tem acontecido. E não tem sido bonito. É que entre o bairrismo e o racismo há uma linha ténue. Um dia falaremos do assunto.

Algo que parece ressaltar do teu discurso. Uma certa resistência à mudança. Como acontece com todos os conservadores, aparentas ser alérgico à ideia de utopia. Percebo. As utopias, com todas as suas boas intenções, podem ser perigosas. Simpatizo com filósofos como Michael Oakeshott, o teorizador do conservadorismo à inglesa – apesar de ter casado quatro vezes, mas isso é outra história. Em todo o caso, se é verdade que há uma proximidade perigosa entre utopia e distopia, não posso deixar de pensar que a identidade açoriana – intuída por um Vitorino Nemésio, intelectual insuspeito de projectos revolucionários – tem muito mais de realizável do que se possa pensar. O preço das passagens vai contribuindo, e muito, para os açorianos se conhecerem uns aos outros – e é dialogando que há uma possibilidade de encontrar afinidades e irmandades (e, apesar das diferenças na História, são tantas – basta evitar a preguiça de as ignorar). Os encontros realizados à conta de um projecto cultural para o arquipélago, iniciado e promovido por uma das suas cidades, com artistas açorianos de todas as ilhas, têm sido a prova de que o preconizado é uma barreira eliminável e que, quando se percebe que a atitude é agregadora, há um chão comum para se pisar e sentir para além do Espírito Santo e do “desenvolvimento harmónico”. Se quiseres, o Azores 2027 não é uma meta tão distante quanto sugeres porque já se está a realizar em 2021. Sem tantas promessas e aspirações irrealizáveis. Quer se ganhe ou não. Com conversa. Com debate. Com escuta. A meta de aproximação cultural entre os açorianos – e também, por consequência, social e económica – vai sendo realizada. Aos poucos, que é assim que deve ser. Os Açores são uma rima, interna, possível. Um brinde. O que vamos fazer quando passares, em breve, espero, pelo Açor.